

ESTUDO EXPLORATÓRIO ACERCA DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Gabriela Pereira Bernardo (PIBIC-AF-IS), Gláucia Valéria Pinheiro de Brida,
bern.gabriela@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá,

Área: Ciências Humanas. **Subárea:** Psicologia/ Psicologia Social

Palavras-chave: Violência de Gênero, Estupro, Universidade.

Resumo

O ambiente universitário é permeado por desigualdades de poder em relação ao gênero, raça, classe econômica, entre outras, que favorece a ocorrência de violências. Nos últimos anos a violência contra a mulher no contexto universitário vem ganhando visibilidade por meio de denúncias, investigação de comissão parlamentar de inquérito, iniciativas de enfrentamento pelos coletivos de estudantes. A maioria das vítimas nos casos publicizados são as acadêmicas e entre as violências contra a mulher no ambiente universitário, identificadas no estudo do instituto Avon/DataPopular, estão: o assédio sexual, a coerção, a violência sexual, a violência física, a desqualificação intelectual e a agressão moral/psicológica. O presente trabalho trata-se de um estudo exploratório, que objetivou investigar as relações de gênero que contribuem para a violência sexual no contexto universitário, a partir das notícias veiculadas acerca de um caso de estupro de uma acadêmica do curso de Medicina Veterinária da universidade de São Paulo. Os dados levantados foram sistematizados e analisados de acordo com os temas: O uso de álcool pela vítima como elemento para a sua responsabilização/culpabilização da violência sofrida; a desqualificação do não consentimento da vítima; o silenciamento da vítima e suas repercussões psicológicas e sociais.

Introdução

A violência sexual contra a mulher, é um problema resultante da histórica desigualdade entre os gêneros, reflete as diferenças discrepantes sócio-culturais que estão presentes nas relações entre os sexos masculino e feminino, permeado por desigualdades (TELES, 2002). Ela é veiculada pela ideologia patriarcal, na qual os homens detêm o poder para punir o que lhes apresenta como anormal.

No ambiente acadêmico a desigualdade de gênero é expressa de diversas formas, explícita e implícita, afetando a sociabilidade entre colegas e manifestando-se em formas de assédios e/ou violência sexual de

professores/veteranos contra alunas, funcionárias, etc. Entretanto os homens não se reconhecem como participantes dessa violência praticada diariamente. Num estudo feito por Cruz (2017), cerca de 38% universitários admitiram ter cometido algum ato de violência, enquanto 67% das universitárias afirmam ter sofrido algum tipo de violência, o que exige uma análise acerca influencia de atravessamentos de conceitos como gênero, consentimento e estupro. Diante desse cenário, o presente trabalho objetiva compreender como as relações de gênero contribuem para a violência sexual no contexto das universidades. Tratou-se de estudo exploratório, a partir de notícias veiculadas acerca de um caso de estupro de uma acadêmica do curso de Medicina Veterinária da universidade de São Paulo.

Materiais e métodos

O presente estudo exploratório foi realizado a partir da veiculação de notícias na mídia acerca de um caso de violência sexual contra uma estudante do curso de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo. O caso foi amplamente veiculado e fez parte da Comissão parlamentar de inquérito (CPI) da assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP), intitulada CPI do Trote, que investigou as violências cometidas no interior das universidades paulistas. Foram levantadas e lidas notícias sobre o caso Bianca nos sites iG, UOL, Folha de São Paulo e Fórum, e depoimentos no relatório final da CPI do Trotes. Os dados levantados foram analisados por meio do método da Análise de Discurso.

Resultados e Discussão

Entende-se por resultados a informação pertinente aos dados coletados a serem analisados, abrangendo estudo de caso. Ao analisar as notícias do caso Bianca, os dados que revelavam a relação entre a violência sexual e as desigualdades de gênero, foram sistematizados de acordo com quatro temas:

1) o “uso de álcool por parte da vítima como elemento para a sua responsabilização e/ou culpabilização pela violência sofrida”. Tanto nas notícias, quanto nos relatos da CPI, há uma associação entre a bebida e a satisfação sexual masculina. Nas festas universitárias parece haver essa associação, quando um menino pressupõe que o corpo de uma mulher embriagada é mais acessível. Portanto nas festas ao beber, é como se a mulher transgredisse o estereotipo feminino benevolente (mulher caseira, casta etc) e se colocasse na condição de objeto sexual para a satisfação masculina.

2) Outro tema prevalente refere-se à “desqualificação do consentimento da mulher”, o que implica necessariamente discorrer sobre relações de gênero, pois inculcou-se profundamente na vida das mulheres e vem sendo o ponto central do sistema de poder, tanto sexual como social. Reflete o resultado da dominação masculina que supõe sempre a aceitação e subordinação das mulheres à satisfação e ao desejo sexual do homem. (COLLING, 2004). O

“não” feminino ainda é visto como um sinônimo de uma aceitação, dificultando então o discurso proferido pelas mulheres.

3) O tema “descrédito no discurso feminino” denota a criação de mecanismos que bloqueiam ou invalidam a fala da mulher, fazendo a própria desacreditar daquilo que foi vivenciado. Esse silenciamento também se dá de forma institucional em que a negligência por parte das instâncias administrativas da universidade é percebida pela falta de órgãos de acolhimento e apuração dos casos, e da hostilização sofridas pelas vítimas neste contexto, o que leva muitas destas mulheres permanecerem caladas.

4) O último tema refere-se as “consequências da violência sexual para a vítima” e envolve tanto repercussões físicas, quanto psíquicas e sociais. Os danos psicossociais são muitos e se apresentam de diversas formas, como depressão, abandono da graduação, medo, estresse, perda de apetite, transtornos de ansiedade, entre outros; afetando direta ou indiretamente, a saúde levando alguns casos a estado de morbidade.

Conclusões

Com essa pesquisa pode-se perceber que apesar da prevalência de diversas formas de violência de gênero, em especial a violência sexual, no âmbito universitário, raramente há notificação e apuração dos casos, assim como há poucos estudos sobre a temática. Essa invisibilidade do fenômeno conta como uma “cultura de silêncio” nas instituições universitárias, sustentada em discursos patriarcais e misóginos que contribui para a naturalização das desigualdades de poder entre gêneros, entre posições hierárquicas e para a cultura do estupro.

A universidade sendo a porta de entrada para a fomentação da construção de um saber científico e crítico deve incentivar sempre a desconstrução de estereótipos e preconceitos que promovem a violência contra as mulheres, incentivando, por meio de ações contínuas e monitoradas, a mudança no seu meio cultural e organizacional, a partir da disseminação de atitudes igualitárias e a promoção de valores éticos de irrestrito respeito e valorização às diversidades nas suas inúmeras instâncias institucionais e inúmeras interações sociais.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha família por todo apoio e suporte que me deu e a Fundação Araucária pela oportunidade de estar realizando a pesquisa e o reconhecimento da mesma para o meio acadêmico científico. Agradeço também a Profa. Dra. Gláucia Valéria Pinheiro de Brida pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Referências

CRUZ, M. O enfrentamento da violência no ambiente universitário: uma experiência na Universidade Federal do Acre. In: STEVENS, C.; OLIVEIRA,

S.; ZANELLO, V.; SILVA, E.; PORTELA, C. (Orgs.). **Mulheres e violências: interseccionalidades**. Brasília: Technopolitik, 2017. p 400-412.

TELES, M. A. de A. **O que violência contra a mulher**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

COLLING, A. M. Gênero e História: Um diálogo possível? **Contexto e Educação**, Juí, v. 19, n. 71/72, p 29-43, 2004.